

**ARMÁRIO 03**  
PRATELEIRA - 338  
**A Escola (235)**

**SÃO LUÍS - MA**

**1909**

OK

# A ESCOLA

Orgam de propaganda dos modernos métodos de ensino

PUBLICAÇÃO BIMENSAL

Director — Prof. JOAQUIM SANTOS

## A Escola

«A Escola» é um orgam de instrução, que viza auxiliar a propagação dos modernos métodos de ensino.

Quem se interessar de alguma sorte pelas couzas da nossa instrução, seja o professor que dezejar acompanhar a evolução do ensino, seja o pai de família que tenha compreendido a grande vantagem dos novos processos didáticos, seja aquêlê que pelo amor ao seu Estado quer vel-o merecer o nome de adiantado, pois não se pode conceber que algum dia seja tido por tal sem uma boa instrução, largamente difundida por todas as classes, não deixará de reconhecer a necessidade de um jornal pedagógico para fazer a propagação desses processos didáticos por todo o Estado, levando assim mais de pressa essas mesmas idéas ás escolas que demoram afastadas de nós, as quaes estão carecendo de muito ou, para melhor dizer, de tudo.

Até hoje cinco tentativas houve neste sentido: — a primeira — do Estado, creando uma revista pedagógica pelo decreto de 7 de Março de 1900;

a segunda — do dr. José Barrêto Costa Rodrigues, oferecendo ao inesquecível medico e professor dr. Almir

Parga Nina, e a nós, una seção da Pacotilha, para escrevermos sobre assuntos exclusivamente pedagogicos;

a terceira — do mesmo dr. Almir Nina, fundando uma revista pedagógica com outros professores;

a quarta — dos professores Jerônimo Viveiros, Antonio Lopes da Cunha e nós, creando em 27 de Maio de 1908 uma revista que sairia á luz com o nome «Revista Pedagógica Maranhense»;

a quinta — a que hoje faz aparecer «A Escola».

Não vingou nenhuma das quatro primeiras tentativas: umas, pelas muitas dificuldades que sempre as acompanharam; outras, por dependerem de muitas vontades.

Conhecendo bem uma e outra couza e não tendo perdido a esperança de levar a efeito o nosso *desideratum*, si não no tôdo, ao menos em parte, era natural procurarmos subtrair-nos ao maior numero possível das cauzas, na impossibilidade de remover todas, que tinham determinado o malôgro das idéas conjeneres, a que já aludimos.

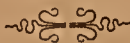
Daf «A Escola» que hoje aparece para o fim que em principio declaramos, tendo por lema:

*Fazer o que lhe for possível.*

Por tal motivo é agora rezumidissimo o numero de suas pajinas; mas «A Escola» ha de ser como o rio: a

princípio, uma pequena corrente de água; daqui lhe vem um arroio, dali um riacho, mais adiante um regato, e assim se vai formando o volume de suas águas.

Aos srs. professores e professoras e ás demais pessoas que nos dezejarem prestar o seu valiozo concurso, «A Escola» franqueia as suas colunas.



## O Ensino Moderno

Para bem se comprehender as vantagens do ensino moderno, é necessario um ligeiro retrospecto sobre o que se faz á antiga.

Como não ignoramos nós e todos os que, como nós, aprenderam sob o influxo da escola velha, para a creança começar aprender a ler, metia-se-lhe na mãos a carta de A B C, o peor dos metodos para se principiar a ler, como classifica a moderna pedagogia.

Nenhum desses ignora o que é esta carta: um folhêto sem atrativo algum para creança, o qual, si alguma couza opera, nada mais faz que aborrecer o principiante e levar este por sua vez a aborrecer o livro.

Porisso é que tem havido creanças e ha delas onde ainda está em voga a carta de A B C, que passaram mezes e mezes, todos os dias a carta ás mãos, rasgaram uma e mais cartas e muito custaram a dar os primeiros passos em leitura.

Rarissimas exceções houve de mestres que suavizaram a crueldade do método referido, os quaes, sinão todos, eram quizi todos, pais e mãis, que iniciavam os tenros filhos nos primeiros rudimentos, e por tal motivo essas mesmas creanças não foram perras para ler.

Para se aprender o calculo vinha outro folhêto — a taboada, irmã gêmea da carta de A B C, que a seu turno produzia no dominio do numero estrago identico ao do A B C na arte de ler.

Quanto á escrita, jamais saiu da escola uma creança que soubesse redijir duas linhas, e os alunos mais adiantados sabiam apenas copiar.

E quanto ao mais, tudo era trabalho fatigante de memoria, que os alunos executavam inconscientemente.

E acima de tudo a austeridade do professor ou professora, com muitissimo raras exceções, cada qual era tido por tanto melhor, quanto mais severo se mostrava para com o aluno.

Eis-aí o que era a escola antiga.

Hoje tudo se deve passar de outra maneira: em vez de um folhêto sem gosto algum para a creança, deve-se-lhe dar um livro de agradável aspecto, de figuras que ela gosta de ver, de texto que não enfastia, já pela sua extensão, já pelo tamanho da letra, já pelo assunto, que é propriamente infantil;

em lugar de uma taboada nas condições daquela a que já nos referimos, — um livro atraente como o de leitura, onde se cultivam a observação e o raciocinio infantis, tornando assim os primeiros passos em numero um poderoso meio de cultura mental da creança; e o calculo, que a tanta gente boa enfastia e parece tão inextricavel, — umas das diciplinas mais agradaveis para o aluno e que pode ficar melhor conhecendo e, mais que qualquer outra, lhe prepara o espirito para fazer sem dificuldade estudos que vierem depois;

em vez de uma escrita que começava no *a* e seguia invariavelmente a ordem alfabetica, — a que principia na letra mais simples—i, e prosegue dal pór diante, graduadas as dificuldades.

A escrita para as classes mais adi-



antadas não mais se limitará a copia, mas deve chegar até á redação inclusive, e a copia de um ditado não ha de mais restrinjr-se á grafia das palavras lidas, porém será um trabalho completo, onde o aluno tem de revelar que não somente sabe ortografar as palavras, mas ainda aplicar as notações sintaticas sem o auxilio do mestre.

Em lugar de uma sobrecarga de exercicios esterilizadores da memoria dos fatos—ha de encontrar a creança uma fonte inesgotavel de exercicios de elocução, que a prepararão para exprimir-se com linguaagem sua:

E vai mais alem, instruindo-se sobre outras couzas para enfrentar melhor o combate da vida, taes como:

a geografia, que não mais deve consistir unicamente numa enumeração monotona de termos geographicos;

o reino animal, o vejetal e o mineral;

um pouco de sciencia experimental, muzica, dezenho, instrução civica e moral, que lhe fará conhecer os deveres a cumprir para com a Familia, a Escola e a Patria.

E assim instruida na escola primaria, habilitada ha de ficar para tudo: a pobre para começar a ajir melhor na luta pela existencia; aquella á qual a sorte for mais favoravel, para proseguir sem embaraço nos estudos subsequentes.

(A seguir).



## O Professor Normalista e o Ensino

Tendo dito no principio que «A Escola» viza auxiliar a propaganda do ensino moderno, é natural procurarmos falar neste

sentido com aqueles que devem operar *directamente* a reforma do ensino entre nós — os *profesores normalistas*.

De direito e de fato são as môças e môços diplomados pela Escola Normal,—a quem incumbe implantar no Estado os modernos métodos de ensino.

E' de direito, porque eles cursaram um estabelecimento, onde, é presumível, beberam conhecimentos que lhes permitem prepararem-se para exercer a nobre missão de professor primario, e tambem porque a lei lhes deu esse direito; resta somente que o sejam de fato.

Só isto basta a quem refletir um pouco nos meios de que dispomos e nos de que carecemos para conseguir uma boa instrução, para prever quanto é difficil o desempenho do encargo de professor normalista.

Com effeito, si a este incumbisse tão somente a implantação do método de ensino, não seria pouco, porem a tarefa não lhe seria difficil; mas atualmente não é só isso que tem a fazer — *ele tem ainda a procurar lições praticas dos modernos métodos para as experimentar.*

E aonde vai ele buscal-as?

A nossa literatura escolar é muito pobre para lhe ministrar o de que ele precisa e, com poucas exceções, o que tem, está carecendo de uma boa revizão.

E', pois, concludente que o professor terá que rebuscar as suas lições em livros estrangeiros, onde a instrução estiver aprimorada, e para isso lhe é

indispensavel tornar-se familiar aos idiomas em que taes livros forem escritos.

Já se vê que o conhecimento das linguas estrangeiras mais faladas não é atualmente uma simples exigencia para o professor mirando somente a illustração deste—é uma necessidade pratica, saber sem o qual não pode alargar a esfera dos conhecimentos obtidos durante o seu curso.

Entre nós é exigido o francez ao professor normalista; porem não lhe é bastante: ha bons livros em francez, mas os ha melhores em inglez.

Esta lingua é hoje necessidade imprescindivel para o professor, porque muitas e muitissimo boas são as obras escritas nela — livros uzados por um povo essencialmente pratico, mas que não segue a pratica rude—a que torna servil o espirito, mas a pratica em que o individuo têm a consciencia das construções mentaes que realiza—essa que devemos procurar para nós.

Ha tambem muito bons compendios em hespanhol, que podem ser lidos com muita facilidade mesmo por quem não estudou a lingua, mas entende o portuguez, dada a semelhança das palavras nos dois idiomas.

Não se suponha não quereremos acreditar na instrução que recebeu o normalista; não damos a entender tal e logo havemos de mostrar quanto vale o que cada um conseguiu á

custa de seu trabalho. O que deixamos comprehender e não se pode negar, é que o normalista diplomado, em vista da pobreza da nossa literatura escolar, ainda terá não pequeno trabalho no seu gabinete de estudo para ministrar o ensino verdadeiramente moderno.

O mesmo se dá com outros diplomados. Pelo fato de terem saído de uma escola superior deixarão de estudar, embora tenham obtido as melhores aprovações?

E, si acaso precisarem de estudar em livros escritos em lingua que lhes não foi exigida, quando preparatorianos, não procurarão elles saber um pouco desse idioma, quando deejam acompanhar o progresso da carreira que escolheram?

(A seguir).



## Lingua Materna

### LEITURA

Não começamos ainda hoje a tratar da parte mais delicada do assunto, porque precisamos de espaço e tempo para outra que no momento atual urje mais: queremos referir-nos á leitura da classe que já lê sem o auxilio do mestre.

Quando os alunos atinjem a este ponto, o professor passa com antecedencia a lição, como se sabe, e quazi sempre não pequena, no intuito de todos po-



derem ler sem repetir ou sem muito repetir o texto.

Quanto á estensão deste somos de parecer que não deve ser tamanha pelas razões que passamos a dar.

Primeiro vejamos o principio em que ora se apoia o exercicio de leitura, pois o mais decorrerá d'êlo:

*Os exercicios de leitura devem estar em intima relação com os de linguaagem.*

Com effeito, depois que a creança adquiriu o habito de ler corrente, para que mais leitura diaria ou alternada, si não se tivesse em mira alcançar outro ponto mais elevado ainda?

Do principio acima exposto resulta como consequencia logica este outro:

*A leitura deve ser inteligente.*

Para que a classe entenda o texto, não deve ignorar os sentidos das palavras que nêle encontra—couzas que a experiencia e a vontade de bem cumprir o seu dever, sujerem ao mestre para interrogar os alumnos sobre elas, alim de verificar si as conhecem ou não.

Posto isto, para se tirar da leitura todo o proveito para a linguaagem, ha de o professor chamar a atenção da turma para as diversas variantes de expressão do mesmo pensamento, ensinando-lhes ao mesmo tempo o melhor; para as imagens de que se serviro autor; finalmente, para alguma falta que, por ventura, haja no texto, pois não é raro encontrarmos isso nos livros.

Deve mais o professor examinar com o aluno o emprego das notações sintaticas, feito pelo autor, pois um tal exercicio contribue muito para o aluno se assegurar da applicação das régras de pontuação.

Executada assim a lição, bem se comprehende, não se poderão ler muitas paginas no tempo consignado no horario para esse exercicio, razão pela qual dizemos que

*a lição de leitura não deve ser demaziado longa, mas estar de acordo com o adiantamento da classe.*

E, quando mesmo haja da parte do mestre o receio de que seja pequena, acrescentamos ser incomparavelmente melhor fazer uma lição pequena mas bem explicada, do que uma de paginas e paginas, sem elucidação alguma, a qual os alumnos, na quazi totalidade, lêem maquinalmente.

Muitos livros de leitura, adotados nas nossas escolas, já trazem exercicios de linguaagem, procurando facilitar assim a tarefa ao professor. Não obstante, como muitos não se podem executar facilmente, cumpre ao professor modifical-os ou substituil-os; si julgar necessário; o que não deve menosprezar é o proveito a tirar do texto.

Finalmente, o professor se não esqueça do ensinamento moral ou civico, a que a lição se prestar:

O mestre não é só um instrutor; é tambem educador.

Por isso não deve deixar

passar a ocasião que se lhe deparar, de mostrar à classe um exemplo de moral ou de civismo.

Outra vez voltaremos ao assunto, sugerindo nessa ocasião um modelo para execução de um exercício de leitura de acordo com o que aqui fica espendido.



## Lingua Materna

### GRAMATICA

Duas palavras antes do assunto.

Porque são bem poucos ainda os que já compreendem as vantagens do ensino moderno, o qual, por motivos a desaparecer com tempo, ainda não pode provar a sua benéfica influencia em toda a sua plenitude e assim convencer de que é o unico que deve ser seguido nas nossas escolas, quer publicas, quer particulares. é elle vitima de injustiças, como o tem sido todo o bom empreendimento, que apresenta idéas opostas ás do seu tempo, ou pretende difficil-as.

Quando aparece uma idea reformadora, formam-se dois grupos—um favoravel e outro contrario a ella, sendo este ordinariamente o maior—o que é natural.

Estabelece-se então a luta entre a idéa nova e a velha e não admira que a primeira seja ven-

cida; mas é sempre para surgir adiante com mais elementos de resistencia.

A historia o atesta e mesmo o observamos frequentemente em muitos fatos da vida hodierna.

E' o que se passa atualmente com o ensino moderno.

Não sofre duvida, muita couza que em seu nome se faz. tem ficado aquem da expectativa publica e outras que, apesar de difficuldades inerentes ao tempo e ao lugar. já se podem dizer boas ou muito regulares, não são todos que as executam como devem.

Ha delias que devemos ter como questão capital e entretanto têm ficado á marjem e um sistema apparatus de ensino nos ha preocupado primeiro; mas o verdadeiro não é esse, não podia ser e nem é responsavel por aquilo que não é elle.

Daí a desaprovação que naturalmente ha de vir da parte dos que muita razão têm para confiar no sistema em que se entenderam.

Assim diz-se que hoje não mais se ensina a gramatica ás creanças. Não é verdade.

A gramatica, reduzida ao necessario e bastante, deve ser ensinada na escola primaria, mas de modo inteiramente oposto ao que se vai praticando.

Para bem o mostrar faremos outra ocasião um paralelo entre duas lições de gramatica, extraidas de autores entre nós conhecidos.

A moderna pedagogia tem por principio no ensino da gramática que

*aprende-se a gramática pelo idioma e não o idioma pela gramática.*

Daqui se depreende que a gramática não se deve izolar da linguagem como se tem praticado no nosso ensino; mas uma e outra devem andar sempre juntas e na mais perfeita harmonia: *exercícios de linguagem são exercícios de gramática e, ao mesmo tempo, exercícios de gramática são exercícios de linguagem.*

Destes, por meio da observação, são induzidas as formulas geraes, cujo conjunto constitue a gramática necessaria á creança, formulas que ela terá de memoria, pois sem a memorização delas de nada lhe servirão aquêles exercícios por melhores que sejam.

Do que fica exposto, vê-se que:

1.º A gramática não foi banida da escola primaria pelo ensino moderno;

2.º O ensino moderno não dispensa o papel da memoria no ensino da gramática; pelo contrario, exige o seu poderoso concurso, sem o qual nenhum ensino é possível;

3.º Com a gramática exercita-se a memoria, não para tornal-a servil, como a tem feito o ensino izolado, daquela; mas para educal-a de par com as outras diciplinas por meio da observação e da indução e, portanto, fazel-a mais vigorosa.

## Calculo e Fórma

E' opinião corrente que o calculo é couza que com muita dificuldade se aprende e não são todos que o podem saber bem; apenas certas e privilegiadas cerebrações têm a dita de penetral-o. A verdade, entretanto, é exatamente o contrario:

*o calculo é couza que mui facilmente se aprende e a todos é acessivel;*

uma vez que a escola primaria lhe faça o ensino como deve

Quando iniciado e proseguido conforme ao método que todos os professores deveriam seguir, não ha diciplina que melhor eduque a mente, avigore os poderes da inteliencia e a torne mais apta para compreender e metodizar o trabalho, do que o calculo; si, porém, mal feito, não ha outra que mais enfastie, apreze tanta confuzões e desacoroçõe mais.

E' esse o motivo por que até hoje são poucas as pessoas que gostam de aritimética e são inumeras as que dizem nunca terem podido penetral-a por ser arida e difficil.

Sem quereremos entrar agora na apreciação desta parte; porque o espaço não nol-o permite, apenas consignamos aqui, combatendo o dizer geral com a prova irrecuzavel dos fatos, que

*no nosso majisterio ainda não encontrámos diciplina mais facil de transmitir ás classes primarias*



e mais a agrade, do que seja o calculo,

ao contrario.

*ainda não vimos outra mais ingrata ás classes secundarias.*

Qual a razão? veremos mais tarde.

E' verdade termos tido alunos de aritmetica, que, apesar de tudo, conseguiram superar as dificuldades diante das quaes têm succumbido a maior parte dos estudantes desta materia; porém são exceções da regra e o mundo sempre as teve.

No seguinte numero de «A Escola», tencionamos iniciar umas lições de calculo para escola primaria, pelas quaes se verá a verdade da propozição que deixemos grifada no principio deste artigo, e elas serão o meio mais facil que se nos depara, para fazermos chegar mais depressa a todas as escolas o modo como se deve transmitir o ensino do numero.

Uma couza, porem, se pode realizar desde já:

*abandonarmos de vez todo e qualquer processo de ensino de calculo que não seja o indutivo, ou por outra:*

*não mais praticarmos o método que faz decorar uma taboada ou couza que é valha e regras de calculo, ou rudemente ou com difarce;*

método que outra couza não consegue sinão estragar os poderes da intellijencia novel.

O ensino da fôrma não se deve separar do de calculo, an-

tes deve ser parte integrante dêle; mas é de tão pequenas proporções relativamenete a este, que diz um autor, cujo nome ora não me vem á memoria, mais ou menos o seguinte:

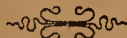
*«O que se deve ensinar de geometria na escola primaria, aprende-se numa semana».*

Não se entenda, porisso, que o ensino da fôrma consista no da terminolojia geometrica: *triangulo retangulo, escaleno, isocetes, paralelogramo, quadrado, cilindro, etc.* e definições correspondentes. A creança deve conhecer e saber definir esses tipos geometricos, não resta dúvida; mas aprenderá tambem a *avaliar a area de um triangulo; o volume de um paralelepido, etc.*, saber induzir as leis destas questões e tudo muito bem e com tanta evidencia como pode aprender a conta de somar.

Iniciaremos tambem uma serie de lições para ensino da fôrma a classes primarias no numero seguinte de «A Escola».

E, assim como para o calculo, uma couza podemos fazer desde já para a fôrma:

*não fazermos decorar formulas ou propozições geometricas, como as da area do triangulo, do retangulo, e outras, sem o aluno ter consciencia das verdades que essas fórmulas traduzem.*



Por falta de espaço deixamos para o proximo numero um anuncio, sobre livros didaticos.

Typ.—Frias—1244

50

19